

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

RAUDERSON RUIZ DA SILVA

**SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE NOVO ARIPUANÃ-AM
ENTRE 1978 A 1984**

Novo Aripuanã
2024



RAUDERSON RUIZ DA SILVA

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS

Novo Aripuanã-AM entre 1978 a 1984

Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 30 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador

Prof. Me. Leonardo Lucas Britto
Membro

Prof. Dr. Tenner Inauhiny
Membro

**O SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE NOVO ARIPUANA-AM,
ENTRE 1978 A 1984**

Rauderson Ruiz da Silva¹
André Luiz Passos Araújo²

RESUMO: Este relato de experiência em pesquisa histórica trata da descrição do processo de organização, lutas e conquistas que marcaram a vida dos trabalhadores camponeses do município de Novo Aripuanã ao final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, período em que organizaram suas ações sindicais. Objetivou-se, compreender o processo de organização da classe trabalhadora do campo, de modo a perceber as suas lutas, conquistas e legados para a população novo aripuanense. Além disso, teve como finalidade trazer à tona os personagens invisibilizados nesse contexto de luta e que foram fundamentais para a comunidade de trabalhadores do campo, de modo a terem constituído um cenário de conquistas que refletem na vida de muitas famílias rurais atualmente. Para tal, utilizou-se o método da História Oral a partir da concepção de Meihy e Holanda (2020) para registrar as narrativas que fluem das lembranças dos sindicalistas e formam sua memória coletiva a respeito do movimento. Através da formação do sindicato os camponeses se uniram em torno de uma identidade comum, que não apenas fortaleceu suas vozes individuais, mas também criou movimento coeso em busca de melhores condições de vida.

Palavras-chave: Sindicalismo. Classe trabalhadora. Campesinato. Engajamento Político.

1. Introdução

Este texto trata de um relato de experiência em pesquisa histórica que desenhou um momento do município de Novo Aripuanã em que as lutas por melhorias de vida encontraram-se com as vozes de movimentos amplos de defesa dos trabalhadores no Brasil. Trata-se da organização, trajetória e história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Aripuanã.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Novo Aripuanã-AM, foi fundado no dia 21 de novembro do ano de 1982 e coloca-se como uma importante consequência das lutas dos trabalhadores rurais naquele contexto político, consolidando-se em um momento cujas pautas desse grupo se fizeram urgentes, trazendo um protagonismo desses sujeitos diante das adversidades e das políticas públicas que não levavam em conta as comunidades rurais amazônicas.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: ruizrauderson91@gmail.com

² Professor Assistente do Curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. E-mail: luizpassos_am@yahoo.com.br

Este trabalho se faz necessário devido escassez de produção acadêmica acerca desse tema na cidade de Novo Aripuanã e contribuirá com a sua parte para preencher as lacunas historiográficas acerca da sindicalização dos trabalhadores rurais no município.

Em uma visão thompsoniana, terá ainda uma relevância na valorização do protagonismo de pessoas que são invisibilizadas na história, contribuindo para o debate acerca da importância delas na construção da cidadania e da memória enquanto agentes decisivos na sociedade rompendo com a tradição antiga de produção historiográfica que foca nos grandes “heróis”.

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro, luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e o mesmo iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de consciências da posteridade. [...] mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser condenados em vida, vítimas acidentais. (Thompson, 1987, p.13)

Assim, objetiva-se compreender a trajetória de luta dos trabalhadores rurais que deram origem ao sindicato como forma de compreender o contexto histórico e político do final dos anos de 1970 e a profusão de ideias e movimentos sociais e políticos que transformaram o país e colocaram em cena novos personagens. (Sader, 1988).

Para tal, recorreu-se à metodologia da História Oral a partir das orientações de Meihy e Holanda (2020) com o intuito de captar as falas dos trabalhadores que fundaram o sindicato e, evidenciar as suas narrativas em torno do processo de luta por melhorias para os trabalhadores rurais de Novo Aripuanã. Juntou-se a isto, uma análise documental do acervo do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, bem como um dossiê produzido pelo então Sistema Nacional de Informação (SNI) que chegou a investigar as ações desses sindicalistas.

Assim, esse relato de experiência contribui significativamente para montar um quadro da vida política e social de Novo Aripuanã no período estabelecido, e se coloca como um ponto de partida para problematização sobre o tema na cidade.

2. Procedimentos metodológicos

No desenvolvimento deste trabalho, além das análises das fontes documentais que foram coletadas na sede do sindicato dos trabalhadores, como contratos, cartas, fotos e decretos, foi utilizado o método da História Oral, no sentido de evidenciar as narrativas constantes nas memórias dos indivíduos que estão inseridos no contexto do tema proposto. Ao

registrar essas narrativas – por meio de gravação de entrevistas, e tratamento rigoroso desses registros – é possível delinear uma compreensão daquela realidade intimamente ligada à uma identidade e memória coletiva. A História Oral, segundo Meihy e Holanda (2020, p. 19), constitui-se como um importante recurso e abordagem de pesquisa onde se configura a escassez de fontes escritas, tornando possível o estudo de sociedades ou grupos diversos a partir do registro de suas memórias, e um meio para produção de fontes originais: as fontes orais. Nisso, a “História Oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelho eletrônicos e transformadas em textos escritos”. (Meihy, 2020, p. 19)

Assim, no registro das narrativas dos trabalhadores, buscou-se estabelecer uma análise que permitisse, nas simetrias e assimetrias dos discursos prestados, compreender o processo de organização da classe camponesa de Novo Aripuanã. Segundo o método proposto, os relatos gravados foram pensados a partir do envolvimento direto de pessoas ligadas ao Sindicato dos Trabalhadores, cujas entrevistas foram realizadas com três sujeitos os quais: Orfilo Nazaré Remijo Teixeira, aposentado, 74 anos, que concedeu entrevista no dia 07 de julho de 2024, conhecedor da atividade do campo, foi morador da zona rural até seus trinta anos de idade sendo o primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município; Osmar da Costa Vale, 75 anos, aposentado, concedeu entrevista no dia 07 de julho de 2024, morava na comunidade Nova Estrela, zona rural, vivenciou a lida no campo e a luta camponesa, sendo um dos primeiros sócios do sindicato, tendo importante papel fundamental na consolidação do sindicato; e, finalmente, Raimundo de Souza Parente, aposentado, 84 anos, concedeu entrevista no dia 07 de julho de 2024, ex-morador da comunidade Santa Rosa, no rio Arauá, migrou para a cidade logo no início movimento sindicalista para ajudar os companheiros na luta.

Foi de posse das entrevistas realizadas com esses colaboradores, e com a documentação analisada que foi possível reconstruir uma parte da história do sindicalismo em Novo Aripuanã.

3. Trajetória do sindicato

Para compreender o processo de sindicalização e organização da classe trabalhadora, vale ter como referência o fato de que, grosso modo, no processo de industrialização das fábricas, os trabalhadores ficaram vulneráveis e reféns dos empregadores, sendo necessário

construir novas formas para conseguirem lutar contra as jornadas abusivas, os baixos salários e as condições degradantes das fábricas. Diante disso, surge uma necessidade de organização de pautas em comum e de interesses próprio dos trabalhadores, foi aí, através dos sindicatos, que os trabalhadores ingleses, por exemplo, se organizaram como uma classe. Assim, o processo de sindicalização nasceu mediante as necessidades de organização das lutas e das necessidades das classes trabalhadoras (Thompson, 1987, p. 13).

Esse fenômeno se espalha pelo mundo, por uma parte, impulsionados pelas forças produtivas, e por outro, pelas ideias que questionavam o modelo de exploração do trabalho. Assim, os sindicatos tornam-se populares, chegando ao Brasil e se estabelecendo como importante entidade de defesa dos interesses dos trabalhadores.

Segundo a nota técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico – DIEESE (2017, p.02), ao fazer levantamento sobre a importância da organização sindical dos trabalhadores, afirma que os sindicatos foram criados para compensar a relação contratual de trabalho entre empregadores e empregados.

Na Amazônia, segundo Hébette (1991, p. 203), o processo de sindicalização iniciou-se por volta dos anos 70, exercendo influência sindical no Estatuto do Trabalhador Rural de 1963, cujo objetivo era a luta pela permanência dos trabalhadores na terra, pois com os projetos de integração da Amazônia desenvolvidos no Governo Militar, havia uma nova reconfiguração do trabalho no norte que acabaria afetando diretamente a vida dos camponeses e também das comunidades indígenas da região.

Em Novo Aripuanã, a luta sindical promoveu uma série de eventos que marcaram a vida de muitos trabalhadores. Na falta de uma entidade que fiscalizasse o trabalho e o organizasse, houve um crescente apelo entre os trabalhadores por melhorias, como uma espécie de sentimento compartilhado entre eles que encontrará eco com a entrada das ideias sindicais na cidade.

Segundo os narradores, tudo começa quando o Sr. Orfilo Nazaré Remijo Teixeira, necessita de medicamento importante para tratamento de epilepsia sendo a sua aquisição extremamente custosa e árdua pois precisava se deslocar para Manaus. Essa necessidade despertou nele uma busca para tentar facilitar sua vida, levando-o à Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Amazonas (FETAGRI) na tentativa de apoio sobre essa demanda.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Eu fui a Manaus, o médico me passou uma receita médica, que esse remédio só podia ser comprado se fosse com licença da FETAGRI. [...] E daí tinha que passar pela Polícia Federal para poder ser despachado, dois vidros de remédio. E eu, na FETAGRI, nós conversando, chegou a oportunidade de eu perguntar qual seria o meio de defender o direito do trabalhador da agricultura do Estado do Amazonas, principalmente aqui no nosso município. (Orfilo Nazaré Teixeira, 2024).

Na fala do Orfilo pode-se perceber que outro fator pode ter contribuído para o início do processo sindicalista no Município, pois além da sua demanda pelo medicamento, ele também queria saber qual o meio legal de defender os trabalhadores da agricultura de Novo Aripuanã.

Essa informação de Orfilo suscita em outros trabalhadores uma necessidade de conhecer melhor a ideia de sindicato. É aí que entram em cena os senhores Osmar da Costa Vale e Raimundo de Souza Parente que somaram interesses no esforço de organizar o primeiro sindicato de Novo Aripuanã. O caminho foi penoso. Para Raimundo, por exemplo, significava deixar sua família em sua propriedade zona Rural, para unir-se ao quadro de pioneiros do sindicato.

Realmente, eu era secretário. Secretário do sindicato. Olha! isso aí foi uma luta muito pesada. Porque eu, para trabalhar aqui no sindicato, com o Orfilo, a minha família teve que ficar lá no sítio, e a mulher que trabalhava com os meninos que já dava de ajudar, para manter as nossas necessidades. Porque aqui ninguém tinha salário nenhum. (Raimundo Parente, 2024).

Percebe-se na fala do Raimundo que para se manter juntos com os companheiros sindicalistas, dependia financeiramente da sua família, fazendo assim com que a luta pelo prosseguimento do movimento sindical ficasse mais complexa e se configurasse com o um tiro no escuro. Uma aposta incerta. Mesmo assim, organizaram o que seria o gérmen do sindicato. Era preciso cooptar os demais trabalhadores para acreditar na ideia.

nós não tínhamos um estatuto, não tínhamos um livrete que a gente fosse se embasar, não tínhamos um curso, só tínhamos a situação da gente, que sabíamos que se a gente se reunisse, se fossemos unidos e com coragem, a gente ia vencer diversas coisas. (entrevista com o Sr. Osmar Vale)

E, nós sempre estivemos conversando com esse grupo de pessoas que a gente achava, assim, algumas coisas que nos preocupavam, que nos massacrava. Principalmente, a gente sempre foi uma família carente, não tinha tanta coisa. (Osmar Vale, 2024).

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Foi essa consciência de exploração e injustiças, que, no caso de Osmar, houve a percepção da importância de um movimento sindicalista. Dessa forma, as suas inquietações vão ao encontro daquele sentimento, e da vontade de Orfilo em fundar de fato o sindicato de modo que pudessem angariar direitos que melhorassem suas vidas e a de seus companheiros. Nesse sentido da consciência da necessidade de se organizar, vale levar em consideração a fala de Orfilo, ainda em relação aos seus remédios:

Eu perguntei como faria para conseguir o remédio por Novo Aripuanã? Aí eles me responderam que só se fundasse um sindicato. Se tivesse um sindicato, o trabalhador ia ter médico, ia ter advogado, ia sanar as suas demandas, ia adquirir os seus direitos. Aí eles perguntaram se eu queria a fundação de sindicato? Eu quero, eu quero, porque eu tenho pena do meu povo lá. Aí eles falaram sobre a aposentadoria, que só podia ter se tivesse um sindicato para poder dar declaração se o cara era trabalhador ou não. (Orfilo Nazaré Teixeira,2024).

É nesse contexto de incertezas e inseguranças, mas dentro de uma vontade considerável de lutar por direitos e contra as injustiças, que surge, como entidade orientadora, a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, na figura do então Pe. Antônio Ramiro Benito, que além de ser padre também era advogado e vinha de uma formação teológica voltada para a crítica social e o papel da igreja enquanto adoção de uma postura pelos pobres. Assim, a verve de Orfilo e seus companheiros encontraram em Pe. Ramiro o catalizador de suas ideias e o elemento agregador e orientado das ações que culminariam com a criação e instalação efetiva do sindicato.

Cheguei aqui, fiz um convênio com o Padre Ramiro, que o Padre Ramiro era muito curioso sobre isso, pedindo mais explicação, porque eu era leigo em sindicato, nunca tinha sentido nem falar. O presidente foi eu. (Orfilo Nazaré Teixeira,2024).

Dessa forma, a presença do pároco nessa questão sindical é fundamental, pois além de dar apoio moral também disponibiliza uma sala do prédio paroquial para os trabalhos e reuniões dos sindicalistas.

Com esse desdobramento do movimento sindical no município, nota-se que o processo de consolidação da Classe Trabalhadora Rural no município de Novo Aripuanã-Am, pode ser o resultado de consequência de uma consciência de classe dos trabalhadores camponeses, pois em um determinado momento começaram perceber que suas necessidades e seus objetivos eram coletivas e passaram a lutar por eles.

Diante desse cenário de conscientização da classe trabalhadora do campo, os sindicalistas podem ter começado a perceber algumas questões que os instigavam a lutar por seus direitos, diante das situações adversas, como por exemplo, as várias injustiças sofridas pela classe. Uma das injustiças recorrentes era a questão da exploração praticada pelos comerciantes locais, “os patrões”. É importante destacar que o termo “patrão” para os sindicalistas, era algo que o diferenciava da classe trabalhadora, pois os interesses do trabalhador com o do patrão se divergiam, se por um lado trabalhador queria mais direitos e melhores condições de vida, por outro o patrão queria enriquecer e explorá-los. Esse fator de diferenciação pode ser considerado um elemento de diferenciação no aprofundamento do reconhecimento dos trabalhadores entre si, e contra os interesses dos patrões.

Foi realmente porque nós via a humilhação que principalmente os comércios faziam. Até porque os comércios tinham tudo. Porque se eles tinham dinheiro, qualquer coisa, até as autoridades mesmo apoiavam eles. Aqueles que menos tinham, praticamente não tinham nenhum valor. O valor só era pra trabalhar. O camarada chegava, levava os pais da gente, para os seringais, os castanhais. E só iam buscar aqueles que ainda tinham mais uma consideração nos tempos das festas. E a família ficava aí. Não tinha saldo. No caso era uma exploração do comerciante pra classe trabalhadora. Outra coisa, vamos dizer, no caso dos municípios, no caso do povo rural também, vamos falar, o povo rural o cara fazia o que queria. Aposentava quem ele queria, principalmente os homens. (Osmar Vale, 2024).

Essa percepção sobre o abuso do comerciante local também foi destacada por Orfilo, pois relata que os patrões não valorizavam os trabalhadores.

E, os donos dos terrenos, pegavam, levavam as pessoas pra colocar para trabalhar pra eles, né? Eles compravam, assim, a produção do trabalhador, a preço que eles quisessem pagar. E assim, sensitivamente, mas não valorizava o trabalhador, porque se o trabalhador tirasse uma unha do produto lá na propriedade do patrão, o patrão vinha na delegacia, dava a parte, e o trabalhador seria preso. E o patrão roubava o trabalhador, e quando o trabalhador ia na delegacia denunciar, ele nunca tinha razão, sempre davam razão ao patrão. Havia várias explorações. Eu enfrentei muito essa dificuldade. Quando acontecia um problema desse, o produtor era só crucificado, ia na delegacia e nunca tinha razão. Eu ia na delegacia me informar o porquê? O delegado, e os patrões, essa gente assim, eram muito protegidos. Eles não gostavam mais do sindicato por essa razão, tá? Por essa razão. (Orfilo Nazaré Teixeira, 2024).

Além dos abusos em relação ao trabalho, a narrativa do Sr. Osmar da Costa Vale destaca uma variação absurda de preços tanto sobre os produtos de alimentação como também nas ferramentas de trabalhos que os produtores rurais necessitavam.

Outra coisa, é que nós os próprios amazonenses, a gente esperava que ia comprar, ninguém tinha o direito de comprar. A Cobal não vendia, não era autorizado, as pessoas venderam para o amazonense. Isso também me revoltou. (Osmar Vale, 2024).

Ao levar em consideração que os laços de identidade, as lutas e demandas dos trabalhadores rurais se interligavam na luta sindical, pode-se dizer que tal organização vai ao encontro do conceito thompsoniano de consciência de classe em que se coloca como um fenômeno que surge a partir das experiências do dia a dia dos trabalhadores. Isso posto, diz Thompson (1981, p.16) que “a consciência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem o pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais e refletem sobre o que acontece a eles e seu mundo.”

Desse modo, para Thompson, o conceito de organização da classe trabalhadora está intimamente ligado a consciência, pois segundo do autor foi necessário que trabalhador despertasse uma consciência que estava sendo explorado, e perceber que havia algo em comum entre ele e seu companheiro de trabalho, isso fez com que eles criem uma relação de identidade.

4. O papel da igreja e a luta dos trabalhadores rurais

Como visto, as lutas sociais em Novo Aripuanã, foram impulsionadas por diversas injustiças enfrentadas pelos trabalhadores do campo, como por exemplo; as condições precárias de trabalho, as explorações impostas pelos comerciantes locais os “patrões”, a ausência de políticas voltadas as necessidades dos trabalhadores do campo. Com isso, o sindicato se torna um espaço importante para discutir as questões e mobilizar os trabalhadores.

Olha, a minha relação com o sindicato é que eu fui todo o tempo incomodado com a injustiça da classe trabalhadora. Aqui na nossa cidade não tinha justiça para o trabalhador naquele tempo, de maneira nenhuma. E, isso me incomodava muito. (Orfilo Nazaré Teixeira, 2024).

Dentro desse processo de organização sindical no Município de Novo Aripuanã, a conscientização dos trabalhadores rurais foi de suma importância pois, através dessa reflexão, os trabalhadores começaram se perceber como parte de uma massa social excluída, e com isso lutar por seus direitos frente as injustiças sofridas. Nesse sentido, a união de esforços com outras entidades é sempre bem-vinda. Assim, a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição,

capitaneada por Pe. Ramiro, se coloca como uma importante voz na defesa dos trabalhadores. Essa aproximação da igreja com setores populares foi uma prática bastante proferida, transformando os espaços de oração em verdadeiros santuários de organização de luta, o que faz surgir as chamadas Comunidades Eclesiais de Base, convocando os leigos a participar da construção de uma sociedade menos injusta. Para essa análise, vale o posicionamento de Sader, a seguir:

A importância da Igreja para as CEBs, decorre ainda do fato de ela oferecer uma legitimação teológica para as aspirações terrenas de seus membros. Na medida em que a Igreja é reconhecida como instituição de Deus na Terra, e na medida em que assumia os reclamos populares enquanto exigência evangélica, ela abriu um espaço de legitimidade por onde os protestos sufocados vieram à tona. (Sader,1988, p.161)

Ainda segundo Sader (1988, p. 165), a “Teologia da Libertação” componente filosófico-religioso que efervescia na igreja, influenciava muitos jovens a serem protagonistas em determinadas causas sociais, incentivando uma prática que integrava fé e luta. Essa integração acaba por fortalecer o movimento sindical em Novo Aripuanã a proporciona uma base ética sólida para as reivindicações da classe trabalhadora do campo.

Por isso mesmo suas manifestações na experiência cotidiana (vistas como sinais em sua direção) não são tanto grandes processos coletivos que afetem as estruturas sociais quanto “despertar das consciências” o desencadear de práticas através das quais cada pequena coletividade se sinta “sujeito a sua própria história”. (Sader,1988. p,165)

Diante desse cenário de um novo “despertar das consciências” um convite para uma posição de protagonismo na sociedade. A formação militante, integrada à legislação e subsidiada pela organização civil eram a tônica que alimentava e alentava aquele sentimento de contestação e insatisfação que tomava a sociedade novo aripuanense.

O sindicato cuida da política trabalhista. Inclusive, a gente teve muito treinamento em Manaus, vários treinamentos nós tivemos com outras classes trabalhadoras. Com CPT, Comissão Postural da Terra, CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. ENCLAT, Encontro da Classe Trabalhadora, CONCLAT, Congresso Nacional da Classe Trabalhadora. (Orfilo Nazaré Teixeira, 2024).

5. Viver como um trabalhador: canções e letras para a organização da luta

De acordo com Castro e Pereira (2012, p.447) que discutem a música e a poesia no processo de conscientização e formação da classe trabalhadora campesina no estado de

Pernambuco, as canções de trabalhadores são essenciais para recompor as memórias de um passado, muitas das vezes marcados por lutas, resistências, desafios e superações. É uma forma também do trabalhador manifestar suas experiências vividas e que são recorrentes em suas reminiscências. As músicas e as poesias estavam presentes nas reuniões dos sindicalistas, e serviam como forma de identificação da classe campesina.

Mas além de serem parte da programação, música e poesia surgem muitas das vezes espontaneamente, para recompor a memória de um passado de dificuldades, resistência e luta, ou para narrar um cotidiano marcado simultaneamente pelo sofrimento e pela esperança. A música e a poesia são, em certos momentos, as formas adequadas para expressar a intensidade das experiências vividas. Assim, ao contrário do que se pretende certo senso comum, o lúdico, o poético e político sempre estiveram integrados nas lutas do campesinato. (Castro e Pereira 2012, p.477)

Dessa forma, as músicas do movimento sindicalista em Novo Aripuanã, provavelmente tornaram-se um símbolo de identidade, mobilização e resistência para os trabalhadores rurais do município. Essas canções contribuíram para que os laços de identidade se formassem, o que pode ser notado pelos elementos que existem nas letras. Elas transmitem mensagens sobre a importância da união e da luta por seus direitos e, eventualmente serviram como um meio de comunicação que ultrapassava as barreiras da linguagem formal, alcançando todos os membros dos grupos.

A seguir uma das músicas que os trabalhadores cantavam, nos seus encontros, como forma de identificação, luta e formação.

Um vai dar força, o povo vai construir
Na base unida com Cristo
Balança o coreto que o de cima vai cair
A nossa vida não tem um sentido
De confiando sempre no patrão
A ditadura e o capitalismo
Que o brasileiro fica mais peão
Pois o salário não dá pra viver
Com esse tipo de exploração
Abre teus olhos, irmão, agora
Democracia não existe, não.

Essa música é de autoria dos próprios sindicalistas, cantadas nas reuniões dos trabalhadores do campesinato. Assim, no município de Novo Aripuanã, as canções entoadas pelo movimento sindicalista provavelmente não foram apenas expressões artísticas, elas foram importantes para a organização e a resistências da classe trabalhadora rural. Elas colaboraram na formação da identidade coletiva que buscavam justiça social e melhores condições de vida. Além disso, ofereciam uma reflexão sobre o tempo em que os trabalhadores viviam, de intensa politização e de levantamento de pautas nacionais como as Diretas Já e a Constituinte.

6. Embates no campo de luta: perseguição estatal, de lideranças locais, padrões

Para falar sobre a perseguição estatal a liderança sindicalista no município de Novo Aripuanã, é importante compreender o momento emblemático que o Brasil atravessava, pois se tratava do período civil-militar que teve início no ano 1964 com a tomada do poder pelos militares e findando apenas no ano de 1985, na transição para o regime democrático. É dentro desse período da chamada abertura, que se inicia o movimento sindical em Novo Aripuanã, especificamente no dia 02 de julho de 1978, segundo relatório do Serviço de Nacional de Informação (SNI) Agência de Manaus, 1984. (Brasil, 1984, p. 75).

De acordo com o documento da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo 2015, a perseguição contra lideranças sindicais era algo recorrente nesse período do regime ditatorial. E governo utilizava alguns métodos para repreender os líderes sindicalistas, tais como; prisões, torturas, assassinatos e depoimentos forçados.

Tais prisões ilegais também foram métodos repressivos utilizados pela ditadura militar para perseguir os trabalhadores. Muitas vezes, com essas prisões vinham outras violações de direitos como torturas, assassinatos e depoimentos forçados. (Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, 2015).

Isso ajuda a compreender a perseguição sofrida contra as lideranças sindicais de Novo Aripuanã, que ocorreu no de 1984. Os líderes sindicalistas Orfilo Nazaré e Osmar Vale, ao serem convidados junto com outros companheiros de luta para participar da Conferência Nacional dos Bispo do Brasil em Manaus, foram surpreendidos por forças policiais a pedido do governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho, que à época havia implantado o Projeto de Assentamento Dirigido – PAD “Projeto Esperança” e a quem os sindicalistas e o Pe. Ramiro

havam feito pesadas críticas. Ao chegarem à capital do estado foram abordados e encaminhados para a delegacia do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), onde tiveram que prestar depoimentos sobre a participação nos movimentos sociais no município.

Nós fomos participar em Manaus. Chegamos em frente em Manaus, a lancha da polícia abordou nós. E aí fomos levados lá para Dom Pedro, lá para a Delegacia DOPS. Ai nós demos nossos depoimentos. Quando foi à tarde, às sete horas da noite, chegou o ônibus da polícia militar. “Embarca todo mundo que é de Novo Aripuanã, embarca para cá para o ônibus. Vamos voltar para a cidade de vocês”. Não participamos do encontro. Isso foi no mesmo dia. (Orfilo Nazaré Teixeira, 2024).

Orfilo e os companheiros foram transportados de volta para Novo Aripuanã acompanhados de dez policiais armados, chegando no porto da cidade ficaram dois dias detidos na embarcação, até chegada dos advogados que foi enviado pelo deputado Mario Frota que ficou sabendo do corrido e tomou providências. Diante disso, podemos perceber que Novo Aripuanã e as lideranças sindicais não passaram despercebidos às perseguições do regime civil-militar que àquelas alturas já agonizava.

7. Melhoria na vida dos trabalhadores com a criação do sindicato

Diante dos objetivos propostos pelos sindicalistas ao fundar o sindicato no município de Novo Aripuanã. Podemos perceber que houve melhorias significativas para a classe trabalhadora do campo, pois agora possuíam uma entidade com corpo legal e respaldo social a quem poderia recorrer diante de uma injustiça.

Na questão da aposentadoria dos camponeses, a classe encontrou no sindicato apoio, tanto com informações, como também na questão de documentações que a instituição expedia.

Teve, algumas melhorias, porque até a documentação das terras, na época, vinha para o sindicato, pagar os tributos. Isso já foi uma melhora. Passamos a ter conhecimento com outras entidades de apoio. E os governos passaram enxergar melhor nós né! (Osmar Vale,2024).

Com relação a exploração praticadas pelos comerciantes locais, os sindicalistas criaram a Associação Comunitária dos Moradores do Interior (ASCOMI), através dessa associação o sindicato procurava parcerias em outros fora do município com o objetivo de melhorar o preço de mercado da produção dos trabalhadores do campo, buscando compradores em outros municípios e na capital.

E nós criamos, através do sindicato, uma associação. Nós achávamos que o comércio tirava tudo, o lucro do castanheiro. Na época ainda tinha extração da borracha, ainda tinha muito seringueiro. Criamos uma associação com o nome (ASCOMI), Associação Comunitária dos Moradores do Interior. E com isso, nós compramos um prédio, que era o maior prédio que tinha na época. Nós compramos um barco. Fomos em Porto Velho, em uma cidadezinha Cacoal que era o único local que comprava a borracha, para contratar a borracha que a gente ia levar e conseguir um preço melhor. A castanha também conseguimos um preço melhor. (Osmar Vale, 2024).

Dessa forma, podemos perceber que o sindicato dos trabalhadores rurais de Novo Aripuanã, se coloca como um elo entre o produtor e o comprador, buscando parceria até mesmo fora do estado, no caso Porto Velho, visando um preço mais justo para a produção dos trabalhadores do campo, tirando o monopólio da compra das mãos dos patrões locais.

4. Considerações finais

As lutas dos trabalhadores de Novo Aripuanã representam um modelo de como a organização coletiva pode levar a conquistas significativas. Através da formação do sindicato, os camponeses se uniram em torno de um objetivo comum, que não apenas fortaleceu suas vozes individuais, mas também criou movimento coeso em busca de melhores condições de vida.

Em tempos de descrença nos projetos coletivos de sociedade, e na degeneração das lutas sindicais, onde o militante é visto como baderneiro e massa de manobra de um projeto político, vale refletir sobre a experiência sindical novo aripuanense para trazer a tona a consciência de que é por meio da organização social e da coletividade que se consegue angariar conquistas que tornam o processo de exploração do capital menos deletério.

Dessa forma, as conquistas obtidas através da organização coletiva dos trabalhadores do campo, tem um impacto significativo na qualidade de vida das famílias camponesas atualmente.

Por fim, o resultado dessa pesquisa foi importante para desvelar o processo de luta e organização da classe camponesa no município, trouxe a possibilidade de compreender o contexto dos embates e das conquistas daquele recorte espaço temporal. Para além disso, contribuiu para preencher uma lacuna da história de novo Aripuanã e dos trabalhadores do campo, e traz a possibilidade de futuras pesquisas voltadas para a classe trabalhadora do campo.

Fontes Orais:

Orfilo Nazaré Teixeira. **Movimento Sindicalista em Novo Aripuanã**. Entrevista concedida a Rauderson Ruiz da Silva. Novo Aripuanã, Amazonas, dezembro de 2024.

Osmar Vale. **Movimento Sindicalista em Novo Aripuanã**. Entrevista concedida a Rauderson Ruiz da Silva. Novo Aripuanã, Amazonas, dezembro de 2024.

Raimundo Parente. **Movimento Sindicalista em Novo Aripuanã**. Entrevista concedida a Rauderson Ruiz da Silva. Novo Aripuanã, Amazonas, dezembro de 2024.

6. Referências

BRASIL. Serviço Nacional de Informação SNI. Arquivo Cronológico de Entrada ACE 4941/84. - INFÃO 0054/19/AMA/84 Problemas Fundiários – Projeto de Assentamento Dirigido (PAD) Novo Aripuanã/Amazonas; - INFE 0359/30/AMA/84 Trabalho Escravo – Fazenda Belém, Município de Novo Aripuanã/AM, 1984.

CASTRO, Renata M. PEREIRA, Edmundo. **A Liberdade é coisa tão Bela**: música, política e memória dos trabalhadores rurais de Pernambuco. Pernambuco, 2012.

COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. A Perseguição aos Trabalhadores Urbanos e ao Movimento Operário. Relatório - Tomo I - Parte II. 2015. Disponível em: <https://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/downloads/I_Tomo_Parte_2_A-perseguiçao-aos-trabalhadores-e-ao-Movimento-Operario.pdf>

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico. A Reforma Trabalhista e os impactos para as relações de trabalho no Brasil. Nota Técnica N° 178 de maio de 2017. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/notatecnica/2017>>.

HÉBETTE, Jean. O Cerco Está se Fechando. Petrópolis RJ: Vozes, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **História Oral**: como fazer, como pensar 2ª.Edição. São Paulo: Contexto, 2020.

SADER, Eder Simão. **Quando Novos Personagens Entraram em Cena.** Experiência, Fala e Luta dos Trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980 1ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

THOMPSON, Edward Palmer. A Formação da Classe Operária Inglesa (**A Arvore da Liberdade**). Tradução Denise Bottmann- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Recebido em: ____ / ____ /2024.

Aprovado em: 30 / 11 /2024.